

# O Prego Quebrou, o Mapa Caiu...

Mafalda Nesi Francischett  
UNIOESTE

## Índice

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>Alguns pressupostos sobre a Cartografia Escolar</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>O mapa no processo ensino-aprendizagem: uso ou desuso?</b>	<b>6</b>
<b>4</b>	<b>Leitura cognitiva do mapa em sala de aula</b>	<b>9</b>
<b>5</b>	<b>Considerações</b>	<b>10</b>
<b>6</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>12</b>

## 1 Introdução

Neste artigo discute-se a função do mapa enquanto representação cartográfica do espaço geográfico no ensino de Geografia, numa abordagem pedagógica metodológica que aborda o mapa enquanto recurso didático na sua função cognitiva e o papel que ele ocupa no contexto da escola. Sabendo-se que de acordo com o lugar reservado ao mapa significa o objetivo com o seu ensino, bem como a maneira como o professor trabalha o mapa revela a postura pedagógica adotada para ensinar. São estes enfoques didáticos pedagógicos que permeiam e tornam esta representação cartográfica num recurso didático obsoleto ou não nas aulas de Geografia. Considerando-se que foram pesquisados professores de Geografia do Ensino Fundamental, que revelam a realidade vivida por eles no cotidiano. Assim, o professor usa este espaço para refletir sobre a educação geográfica contemporânea.

A temática representação cartográfica no ensino de Geografia, reportamos a pensar na relação entre o mapa, a realidade geográfica e o ensino na atualidade. Pressupõe fazer menções ao passado para entender as práticas do presente e fazer projeções acerca do futuro. “Uma ciência digna deste nome deve preocupar-se com o futuro, não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo para o Homem, isto é, para todos os homens e não somente para um pequeno número deles” (SANTOS, 1980, p. 213).

No início do sistema de ensino que quase se ignoraram os conhecimentos da ciência cartográfica; embora o ensino se diga crítico, é no seu contexto, extremamente tradicional - na medida em que prioriza a memorização do conteúdo desvinculado do contexto real, abstrato – que, por maior capacidade que o aluno tenha de memorizar, o conhecimento não se realiza. O mapa é, por sua vez, visto por si só, com o olhar retido em sua própria estrutura. Olhar que desconsidera a importância para além da representação gráfica, para o significado do que representa, olhar que fica preso na malha da própria representação, olhar que não vai além do mapa para entender o conteúdo que se apresenta, olhar sem captar significados.

Falar da relação do ensino das representações cartográficas e da relação com a realidade como elas são apresentadas na sala de aula pressupõe dizer que alcançamos o “caos pedagógico”. O mapa já não aparece mais nem no tempo, nem no espaço do ensino de Geografia. Na escola, ele não está mais pendurado, mas também não se encontra na sala, não faz parte da aula. O lugar onde ele está mais presente é no interior do livro didático. Por sua vez, o globo terrestre quase foi extinto da escola, no entanto, ainda se ensinam os movimentos da Terra para a criança, as estações do ano, conteúdo vivenciado na realidade pelo aluno, desde muito cedo. Como pode um conteúdo geográfico tão importante para o aluno ser ensinado de maneira tão abstrata e sem o auxílio do globo? O que aconteceu com o globo que praticamente desapareceu da escola? Como o professor trabalha a representatividade dos movimentos da Terra de maneira que o aluno entenda? Por que recursos didáticos como globo e mapas quase não participam das aulas de Geografia do Ensino Fundamental?

Para Vesentini (1987), a Geografia é (e será) aquilo que produzem os geógrafos, isto é, um corpo teórico constituído (embora problemático) e um vir a ser em constituição.

A Cartografia é a ciência da representação e, no ensino, ela é e será aquilo que entendem e aprendem os professores ou quem ensina a Geografia. A Geografia alcançou nesse fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade impõe-se como condição histórica, na medida em que nada é considerado

essencial hoje, já que nada se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o Território.

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar (SANTOS, 1999, p.07).

Além do território, a localização concreta do lugar, no mapa, garante sua materialidade específica. Por isso, não é preciso ter receio de trabalhar com a localização uma vez que esta é a principal, senão a primeira, função do mapa. A existência pontual do lugar no mapa não o exclui do contexto mundial.

## **2 Alguns pressupostos sobre a Cartografia Escolar**

Foi a preocupação com a realidade do ensino de Geografia, principalmente do uso do mapa que, no ano de 1978, Livia de Oliveira publica sua tese de livre-docência, o “Estudo metodológico e cognitivo do mapa”, e de lá para cá o ensino do mapa não foi mais o mesmo. A autora enfatiza a necessidade do preparo do aluno para entender o mapa. Foi um marco da Cartografia Escolar e, a partir daí, as pesquisas na área não param: em 1989, Janine G. Le Sann, com a tese de doutoramento “Metodologia para introduzir a Geografia no Ensino Fundamental”; dissertação de mestrado de Tomoko Iyda Paganelli sobre “Para a construção do espaço geográfico na criança”, defendida em 1982; Maria Elena Simielli, em 1986; com a tese de doutorado sobre “O mapa como meio de comunicação: implicações no ensino de Geografia no 1º Grau” e, em 1997, com a tese de livre-docência “Cartografia e ensino: proposta e contraponto de uma obra didática”; em 1993, Regina Araújo de Almeida, em sua tese, trata sobre “A cartografia tátil e o deficiente visual: uma avaliação das etapas de produção e uso do mapa”; em 1994, surge a tese: “Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos” de Rosângela Doin de Almeida; em 1997, Elza Yasuko Passini defende a tese “Os gráficos em livros didáticos de Geografia de 5ª série: seu significado para alunos e professores”; Mafalda Nesi Francischetti (1997) e (2001), cujas dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente, tratam da Cartografia no ensino de Geografia: os caminhos do cotidiano e a aprendizagem mediada. Marcello Martinelli, em sua tese de livre-docência, em 1999, escreve sobre “As representações gráficas da Geografia: os mapas temáticos”, e muitos outros.

A Cartografia Escolar, nas últimas três décadas, alcança grande reconhecimento e se firma como condição necessária para o conhecimento e para entender o espaço geográfico bem como da comunicação deste; embora, por muito tempo, a própria Cartografia tenha sido desconsiderada também no ensino da Geografia. Não é por acaso que poucos são os alunos do Ensino Fundamental que justificam a necessidade de aprender Geografia. Bem como são poucos os profissionais da educação geográfica que se dedicam a ensinar as transformações espaciais como resultado da ação humana. Ainda menos os que se arriscam a pensar o ensino das representações cartográficas cognitivamente.

Mapas escolares, segundo Oliveira (2007), são aqueles que os professores e alunos têm possibilidade de manipular, ou seja, os mapas murais, os mapas dos atlas escolares; o próprio globo terrestre, todos são materiais cartográficos.

Para entender o mapa como um recurso didático que auxilia no conhecimento do espaço geográfico, talvez seja preciso avaliar os desafios, possibilidades e perspectivas de ensiná-lo. São muitos fatores que contribuíram e contribuem para a mudança de paradigma no processo da Geografia e da Cartografia Escolar. Alguns apontados no processo educativo que insiste em ser moroso diante dos novos tempos, marcados, basicamente pelos trâmites da velocidade, da impaciência e da dúvida.

A velocidade na produção de inovações, sejam cognitivas, científicas ou técnicas; na circulação das informações e no acesso a elas; no descarte, no prazo de validade já vencido, não apenas de produtos cartográficos como os conhecemos, mas de pessoas (queremos aqui falar de professores e alunos) e das instituições de ensino (todas: escolas e universidades), quando tanto alunos como professores descartam a persistência na mesma medida que seus afetos, quando se transforma o conhecimento em informações descartáveis.

O tempo que passamos com o aluno, em sala, é veloz e nele não cabe todo o conhecimento da ciência que estamos ensinando. A impaciência em admitir que tanto o ensino quanto a aprendizagem dos mapas e da Geografia precisam de tempo e de dedicação torna o professor ansioso. O ensino-aprendizagem é processo e ninguém nasce sabendo, nem nasce professor; o aluno também é um sujeito produzido pela velocidade, portanto, impaciente e aflito.

A dúvida prevalece, embora o conhecimento seja, em si, fonte de prazer, por que professores e alunos se encontram em estado de sofrimento ao trabalhar com as representações cartográficas? Por que a sala de aula se tornou um cenário de ausência de mapas? Por que “só alguns” conseguem aprender a relação do conteúdo com o espaço geográfico? É possível manter a sala de aula como lugar de reflexão compartilhada com o aluno, em vez de lugar da

preleção? Como acreditar no poder renovador e transformador, numa explicação realmente crítica do espaço geográfico atual?

Somente um entendimento profundo dos movimentos contraditórios e dialéticos do mundo em seu período histórico atual pode ajudar os homens a superar os processos de dominação e controle, desigualdade e falta de oportunidades, exploração e marginalidade, pobreza e fome que, infelizmente, estão geograficamente espalhados em nossa sociedade.

É preciso conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia e da Cartografia para compreender o espaço, a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, seus problemas e contradições.

Precisamos transformar o espaço da sala de aula num espaço de diálogo, de expressão das experiências concretas, vivenciadas no cotidiano, abrindo possibilidades para definir outros temas para estudo e gerar novas situações favoráveis à problematização. Repensar e redimensionar nossas concepções históricas, sociais e políticas e assumir um caminho no sentido da construção de novas formas de ensino. Ousar, experimentar, romper com o tradicional, com certezas e incertezas, inovar e buscar novas proposições com vistas a um novo fazer pedagógico.

O sujeito-professor de Geografia do Século XXI é, agora, muito mais que antes orientador e mediador, não mais pregador de doutrinas e dogmas. Hoje, a perspectiva é saber que se diluem as fronteiras entre tempo, espaço e suas representações, e, por isso mesmo, entre os saberes, antes tão aninhados num lugar e num tempo diminutos e demarcados; é apostar numa outra atitude diante de nossa tarefa de ensinar e educar através dos conhecimentos da Cartografia Escolar.

A mediação, conforme Vygotsky (1984), é um pressuposto norteador de todo o seu arcabouço teórico-metodológico. A mediação é processo, não é o ato em que alguma coisa se interpõe; mediação não está entre dois termos que estabelecem uma relação. É a própria relação.

A fonte da perspectiva de mudança está no SER professor e em tornar a sala de aula o maior laboratório da pesquisa e da ação pedagógica da Geografia e da Cartografia Escolar. Importante pilar da educação geográfica para o século XXI é o convívio com o outro, com o diferente, com a alteridade, é aprender a conviver, a viver juntos, tendo em mente formar-se, continuamente, para atuar numa sociedade cada vez mais desigual, viver em harmonia com condições diferentes e papéis distintos: professor e aluno.

O entrosamento entre teoria e prática, quem sabe, poderia diminuir a distância entre a área física e humana, pois exige ação interdisciplinar. Com o

surgimento de cursos de licenciatura haverá necessidade de aumento significativo no número de pesquisas na área do ensino. A formação de professor de Geografia será, ou deverá ser, compromisso da própria área de conhecimento.

### **3 O mapa no processo ensino-aprendizagem: uso ou desuso?**

O mapa não é uma reprodução da realidade, é uma representação da realidade. Resultado de um longo processo de estudos e pesquisas, por isso ele é um instrumento de conhecimento; assim, é fonte de pesquisa e de ensino.

O mapa é uma representação gráfica da Terra ou de parte dela, em uma superfície plana. Mas não podemos confundir o mapa, objeto concreto, com a representação nele contida, que é uma abstração. No caso do rio, é preciso esclarecer que a criança irá localizar uma linha que representa um determinado rio e que o mapa não poderá fornecer informações para que a criança experiencie a noção de rio (OLIVEIRA, 2007, p.23).

O mapa é objeto de estudo da Cartografia. Ele representa o espaço real; a representação informa e comunica; por isso, para ler e entender o mapa, é preciso compreender os aspectos de localização: onde? de que lugar? as características, o quê? como apresenta? Esse aprendizado é papel da escola.

Salichtchev (1988) declara que as principais tendências, no desenvolvimento da Cartografia contemporânea são a introdução da automação e o progresso das áreas temáticas. O sucesso do uso do mapa como recurso da pesquisa científica está expandindo horizontes e, naturalmente, criando a necessidade de repensar o objeto e o método da Cartografia.

Este texto foi idealizado com objetivo de olhar para realidade da sala de aula e nela procurar respostas a questões como o mapa se apresenta na escola e principalmente no processo ensino-aprendizado da ciência geográfica. Para tal, ouviu-se o professor que trabalha com a disciplina Geografia no Ensino Fundamental, portanto, os formados na área. Na amostragem foram (9) nove os entrevistados. Quanto ao nível de formação, são: um (1) doutor, seis (6) especialistas e dois (2) graduados, destes um (1) está no primeiro ano de experiência e o outro atua há (2) dois anos. Os demais atuam, no mínimo, (14) quatorze e, no máximo, (31) trinta e um anos em sala de aula no ensino de Geografia.

É importante entender qual a função do mapa no processo ensino-aprendizagem, pois dela depende o “uso que o professor quer do mesmo; se o professor não

sabe o que quer que o mapa mostre, nenhum mapa se apresenta como bom: todos serão distorções da realidade” (OLIVEIRA, 2007, p.23).

Questionados sobre isto, os professores afirmam que usam mapas em suas aulas. O depoimento a seguir resume o pensamento de todos ao justificarem quando os usam:

*“Sempre que se fizer necessário localizar o aluno sobre o “espaço” em que estamos apresentando o conteúdo – se falamos de um “problema” – onde? Aí entra o mapa, enfim, melhor dizer que sempre usamos” (Professor I).*

Esse depoimento demonstra o pensamento dos demais professores entrevistados. A expressão “sempre que necessário” dá a impressão que os mapas ficam à disposição do professor em sala de aula. No entanto, ao perguntar onde ficam os mapas, as respostas indicaram que ficam: a) no almoxarifado, b) na sala dos professores, c) na sala de mapas, d) na sala ambiente, e) na biblioteca, f) na sala de aula. As alternativas “a; d; e” com mais de uma indicação.

Na avaliação dos entrevistados, o mapa na escola fica distante dos professores e dos alunos, em lugar de difícil acesso. Um professor declara que, hoje, os mapas estão mais presentes no Livro Didático; outro entrevistado considerava que os mapas são pouco usados. Como indicativo, o mapa, na escola, fica longe do professor e do aluno. Para Oliveira (2007), não deve ser planejado para usar o mapa uma vez ou duas como, em geral, acontece com os cartazes, gravuras ou slides durante o período letivo, mas para ser usado constantemente.

O mapa quase desapareceu do espaço físico da sala de aula, ele está “depositado na escola”. É importante o conhecimento adquirido pelo mapa e no mapa; difícil é imaginar que aconteça sem a presença do mapa nas aulas. Se aprender o mapa é difícil, mais difícil é entender a linguagem sem aprender o grafismo no mapa. A leitura do mapa começa nele e a interpretação vai além dele. É o olhar transparente no mapa que ultrapassa o opaco da representação apresentada.

O desaparecimento do mapa do espaço físico da sala de aula não é bom sinal para o aprendizado de Geografia; é indicativo de que muitas pesquisas sobre educação cartográfica serão necessárias e deverão ser fomentadas para estudar o mapa como uma forma de comunicação e de expressão; a sua presença física é imprescindível para o aprendizado. Ao menos, enquanto não é dada a oportunidade para viagens espaciais, as representações são o que se tem de mais concreto para estudar o espaço geográfico.

Quanto ao aspecto pedagógico do ensino do mapa, muitos são os atributos para seu desuso: desde a falta deles, o desinteresse dos alunos, dos profes-

sores, o descaso da própria escola com este material didático. A questão principal está no seu aprendizado. Aprender mapa exige algumas referências assim como aprender escrever exige aprender as letras e o significado da palavra. Aprender mapas exige aprender a simbologia e o significado das convenções; por exemplo, olhando a carta topográfica, o aluno não vai enxergar a elevação se não aprendeu o que é e o valor da curva de nível.

Um fato observado e vivenciado no Ensino Superior, com alunos de Licenciatura em Geografia, ocorreu na ocasião em que foi apresentada uma carta topográfica do município. Quem não sabia as cotas, as curvas de nível, não conseguiu entender o relevo da carta, porque não aprendeu o conceito e nem a função dessas convenções na carta. Após o processo de identificação e de significado das cotas, conseguiram analisar o relevo e a análise foi além da área delimitada pelo perfil; eles mesmos avançaram para a grande área da carta com olhar transparente. d

Os professores entrevistados reconhecem a importância do mapa no processo de aprendizagem, ninguém questiona o seu valor. Isso dá certeza para afirmar que o problema do ensino não está no mapa, mas no entendimento do mapa, o que exige um olhar metodológico mais qualitativo para o ensino deste recurso.

Os mapas sempre fizeram parte dos equipamentos pedagógicos das escolas. Do mesmo modo como o professor em sala de aula emprega o quadro negro e o giz, também recorre aos mapas para ilustrar as suas aulas. Tais recursos pedagógicos geralmente são empregados de maneira empírica e para alcançar objetivos imediatos; esse uso empírico se refere ao mapa como recurso visual, quando o mapa poderia ser usado pelo professor de maneira racional, como forma de comunicação e expressão. Em outras palavras, é o ensino pelo mapa e não o ensino do mapa (OLIVEIRA, 2007, p.27).

Um professor, em seu depoimento, afirma: “*mostrar um mapa na parede não é suficiente para que o aluno, principalmente no Ensino Fundamental aprenda de fato a linguagem*” (Professor X). Ele tem razão, pois, sabe que os apontamentos pedagógicos necessários para que o aluno aprenda a linguagem dos mapas são quase sempre ministrados pelo professor que, em seus ensinamentos, precisa saber que, além de aprender o mapa, o aluno necessita entender o mapa, o que o mapa representa, porque ele representa e qual é sua linguagem.

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução

de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças distinguindo-as dos animais (VYGOTSKY, 1984, p.31).

A linguagem é um processo aprendido através da interação e não na ausência dela. Essa idéia remete ao pensamento de Freitas (1995), ao mencionar que o conceito científico é adquirido pela criança na escola, sendo a aprendizagem escolar uma das principais fontes de conceitos. A escola é também uma poderosa fonte que direciona e determina o desenvolvimento mental, pois, quando se transmite à criança um conceito sistemático, ensina-se diretamente a relação com um objeto mediado por um conceito científico.

A aprendizagem escolar tem papel decisivo na conscientização da criança de seus próprios processos mentais. No dizer de Freitas (1995), a consciência reflexiva chega à criança através dos conhecimentos científicos e, depois, transfere-se aos conhecimentos cotidianos. Os dois processos – dos conceitos espontâneos e dos científicos - relacionam-se e influenciam-se constantemente fazendo parte de um único processo: o desenvolvimento da formação de conceitos.

Nesse aspecto, é necessário mencionar a importância da Psicologia da Aprendizagem, que possibilita entender como o processo de ensino se apresenta no desenvolvimento do aluno, principalmente ao considerar tanto o processo de mediação do professor quanto do mapa como recurso didático.

Vygotsky entendeu esse conceito de mediação na relação do homem com o seu ambiente pelo uso de instrumentos ao uso de signos. Os sistemas de signos (especialmente a linguagem), tais como os instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural (FREITAS, 1995, p.112).

#### **4 Leitura cognitiva do mapa em sala de aula**

Para a leitura do mapa, o primeiro cuidado é usar um bom mapa em sala de aula, que, para Oliveira (2007), é aquele que apresenta corretamente o que queremos mostrar. O segundo passo é ter claro o objetivo que se quer atingir

com a leitura. Para Simielli (2007), é preciso levar em conta que os mapas têm funções específicas para determinados grupos de usuários e que a linguagem cartográfica não deve ser compreendida só pelo cartógrafo, mas principalmente pelo usuário. Terceiro passo, o professor deve ater-se a elementos básicos do mapa: ponto, linha e área, em seguida: orientação, proporção e legenda.

Entender mapa significa entender escala, projeções, medidas angulares e de distância, orientações, legendas. O aluno consegue ler o mapa quando dominar os conceitos de localização, análise, correlação e síntese. “O mapa é uma representação gráfica da Terra ou de parte dela, em uma superfície plana. Mas não podemos confundir o mapa, objeto concreto, com a representação nele contida, que é uma abstração” (OLIVEIRA, 2007, p.23).

Para saber se o aluno do Ensino Fundamental entende mapa, devemos saber qual é a relação que ele faz do mapa com o espaço. Para isso, a pergunta principal é “onde fica seu município?” As respostas indicam de onde e por onde o professor deve começar. Saber onde se situa o município não é suficiente para entender o espaço pelo mapa; mas, sem essa noção, o aluno não vai entender a relação da inclusão do espaço no mapa.

Outro aspecto importante a ser considerado na aprendizagem do mapa é não desconsiderar a curiosidade do aluno que, ao procurar decifrar no mapa a simbologia, estará aprendendo o significado. Como na leitura, a descoberta da palavra leva para o seu significado, caso ainda não o tenha; assim, a identificação dos símbolos leva para seu significado tanto concreto (exemplo: grade da área urbana) quanto abstrato (exemplo: o círculo que representa a área urbana).

Para ler e entender o mapa, é preciso compreender, antes de tudo, dois aspectos primordiais: característica e localização. Para tal, duas perguntas direcionam tais aspectos, respectivamente: o que e onde? Com base nisso, o professor pode tanto orientar a leitura como a construção de mapas pelos alunos do Ensino Fundamental.

Ao ensinar a leitura do mapa, o professor precisa ater-se a três aspectos primordiais: a) ao título do mapa que especifica o acontecimento, onde e quando; b) a legenda é o guia de leitura do mapa. É preciso fazer a relação dos signos e o que significam; c) a escala apresenta a relação de quantas vezes a realidade foi reduzida.

## 5 Considerações

Para que o aluno aprenda a linguagem dos mapas, é importante que ele tenha acesso e contato com o mapa, para que possa manuseá-lo, vê-lo e decifre sua

linguagem, ainda que seja de modo insatisfatório ou só por conta de seu interesse, sem mediação didática pedagógica adequada. É melhor que o aluno tenha acesso ao mapa do que venha carecer por completo dessa oportunidade, pois é, principalmente, durante o tempo de transição pedagógica passa na escola que ele terá ou não a oportunidade de conhecer a essência do mapa.

É comum encontrar aluno que demonstra interesse em olhar e ver o mapa. Dificilmente se encontram alunos que não manifestam esse desejo, mas é comum também encontrar professor que não tenha a mesma atitude, nem perspectiva. Isso leva à afirmação de que o mapa é difícil de entender tanto para o aluno quanto para o professor; são afirmações que revelam algumas das fragilidades na formação e desvela a falta de pesquisa no ensino, principalmente, de Geografia.

Oliveira (2007) afirma que o mapa ocupa um lugar de destaque na Geografia porque é, ao mesmo tempo, instrumento de trabalho, registro e armazenamento de informação, além de um modo de expressão e comunicação, uma linguagem gráfica.

O abandono do mapa nas escolas brasileiras acentuou-se na década de 70 com a eclosão tecnológica que atingiu especificamente a Geografia; a técnica tornou-se o símbolo maior da dominação científica e tudo o que pudesse representar ou estar relacionado à Geografia tradicional foi marginalizado e, nesse caso, no ensino de Geografia o mapa “carrega” o legado de “instrumento neutro” ou com ranço de velharia.

Acerca de qual mapa é apresentado ao aluno e a dificuldade de se trabalhar com o mapa, Simielli (2007) conclui que o mapa será mais eficiente se o cartógrafo confeccioná-lo para um usuário específico.

Existe a falsa idéia de que trabalhar o mapa para localizar é metodologicamente incorreto, uma vez que o mapa tradicionalmente tenha sido usado para isto. É bom entender que a principal função do mapa é localizar e a localização concreta do lugar no mapa garante sua materialidade específica. Por isso, sua existência pontual não exclui o mundial.

De tudo isso, ou seja, da falta de mapa na escola, da dificuldade de acesso aos mapas nas salas de aula, da falta de metodologia adequada para ensinar a linguagem cartográfica, do desinteresse de muitos professores em trabalhar com mapas e da falta de material didático adequado, como nos livros didáticos de Geografia que trazem mapas distantes da realidade do aluno, tornando, assim, o mapa um material obsoleto para aprender e ensinar Geografia, que de tanto ficar abandonado: “o prego quebrou, o mapa caiu, o globo rolou...”.

## 6 Bibliografia

- FRANCISCHETT, M. N. (2002), **A Cartografia no ensino de Geografia: construindo os caminhos do cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris/Kroart,
- \_\_\_\_\_. (2004), **A Cartografia no ensino de Geografia: a aprendizagem mediada**. Cascavel: EDUNIOESTE.
- FREITAS, M. T. de A. (1995), **Vygotsky e Bakhtin**, São Paulo: Ática.
- MARTINELLI, M. (1998), **Gráficos e Mapas: construa-os você mesmo**. São Paulo: Moderna.
- \_\_\_\_\_. (2003), **Cartografia Temática: caderno de mapas**. Assessoria didática Graça Maria Lemos Ferreira. São Paulo: USP.
- OLIVEIRA, L. (2007), de. Estudo metodológico e cognitivo do Mapa. In. ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**, São Paulo: Contexto, pp15-41.
- SALICHTCHEV, K. A. (1998), **Algumas reflexões sobre o objeto e método da Cartografia depois da Sexta Conferência Cartográfica Internacional**. Seleção de Textos, São Paulo: n.18, p.17, maio.
- SANTOS, M. (1980), **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (1999), **O Dinheiro e o Território**, GEOgraphia – Ano. 1 – N.º. 1.
- SIMIELLI, M. E. (2007), O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In. ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**, São Paulo: Contexto, pp71-93.
- VESENTINI, J. W. (1987), **A capital da geopolítica**. 2ª ed., São Paulo: Ática.
- VYGOTSKY, L. S. (1984), **A formação social da mente**, São Paulo; Martins Fontes.